

RECUPERAÇÃO DE FÔLEGO CURTO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 20.03.1984

Alguns analistas econômicos, apoiados em dados objetivos, vêm falando com otimismo das perspectivas da economia brasileira para 1984. Os acordos que temos com o FMI, entretanto, não autorizam essa perspectiva. Na verdade, se temos alguns resultados positivos, sua causa principal deve ser o mau funcionamento provisório dos mecanismos recessivos acionados pelo governo para conter as importações nos níveis desejados, e dessa forma alcançar em 1984 a meta de um saldo comercial de 9 bilhões de dólares. Ainda que a economia esteja pronta para voltar a crescer, o fôlego da recuperação certamente será curto.

Durante o ano de 1983 o Brasil enfrentou a mais grave recessão de sua história industrial. Segundo os últimos cálculos da Fundação Getúlio Vargas (Conjuntura Econômica de fevereiro) o produto real brasileiro decresceu 3,3%, devendo-se a maior responsabilidade da queda à indústria, cujo produto caiu 7% (ou 6, segundo os últimos levantamentos do IBGE, publicados nesta Folha no último domingo). A indústria de bens de capital, em particular, caiu 20,2%. O desemprego aberto, por sua vez, segundo cálculos publicados naquela mesma revista, deve ter alcançado em dezembro 13,55% da força de trabalho e não 5,63% como pretende o IBGE. Ao mesmo tempo, o número de falências e concordatas praticamente dobrou em 1983 em comparação a 1982.

Estes resultados extremamente negativos estão diretamente relacionados com a política de ajustamento do FMI, o mesmo ocorrendo com a taxa de inflação, que alcançou o Record histórico de 211,8% em 1983 apesar de o aumento da oferta de moeda (MI) ter-se restringido a 94,5% e o déficit público operacional ter caído de 6,6% do PIB em 1982 para 2,5% em 1983.

O maior êxito de 1983 o saldo na balança comercial de 6,5 bilhões de dólares deveu-se principalmente à queda das importações e secundariamente a um pequeno aumento das exportações, relacionando-se, portanto, também de forma direta com a política do FMI. É preciso, entretanto, assinalar os bons resultados na exportação de manufaturados, que continuam a ser a grande arma e a grande esperança do Brasil, e o aumento da produção nacional de petróleo que permitiu uma significativa economia de divisas.

Agora surgem notícias de uma relativa recuperação da economia. O emprego estabiliza-se, a produção industrial aumentou em janeiro 3,5% em relação a janeiro de 1983, um erro de estimativa na contabilização de fretes e seguros (que caíram devido à queda das importações) faz-nos descobrir uma sobra de um milhão de dólares em nossas contas externas, a boa safra agrícola confirma-se. E surge um novo otimismo em relação à economia nacional.

Não tenho nenhuma vocação para Cassandra, e gostaria de imaginar que o ciclo recessivo terminou e que já estamos entrando na fase de recuperação da economia. Dado que a produção industrial é cíclica e deve estar em níveis de 1977, já tendo, portanto, ocorrido à clássica queima de capitais própria das crises, esta seria uma perspectiva perfeitamente razoável, não fossem os acordos com o FMI.

Acontece, entretanto, que esses acordos existem, e que, nos termos dos mesmos, só será possível a retomada do crescimento caso houvesse um espetacular aumento de exportações. Como esse não é o caso, o relativo alívio que se observa na economia deve ser atribuído principalmente a um fato: a ineficiência dos mecanismos recessivos de política econômica (controle da base monetária, redução do déficit público e política salarial) colocados em prática pelas autoridades econômicas. Ainda que os objetivos formais dessas políticas possam estar sendo razoavelmente atingidos, eles não se mostram suficientes para compensar a predisposição para crescer da economia apoiada na boa safra agrícola e na necessidade sazonal de recomposição de estoques.

Ora, se isto é verdade, o que devemos esperar em breve é o aumento da intensidade e do rigor desses controles, para manter frouxa a demanda agregada, garantir importações inferiores a 16 bilhões de dólares em 1984 e possibilitar, assim, o atingimento da meta

principal da política de ajustamento: o saldo de 9 bilhões de dólares na balança comercial. E continuaremos assim em recessão.(20/03)